

Os Libertos, sete caminhos na liberdade de
escravos da Bahia no século XIX

© Pierre Verger e
Corrupio Edições e Promoções Culturais Ltda.
Rua Almirante Barroso, 284 - Rio Vermelho
Salvador/Bahia - Tel. (071) 245-1833

Todos os direitos reservados. Toda reprodução
é proibida, sem autorização expressa dos
editores.

Este livro é resultado de pesquisa realizada
pelo autor com recursos do CNPQ(1.989).

OS LIBERTOS

SETE CAMINHOS
NA

LIBERDADE
DE

ESCRAVOS DA BAHIA

NO
SÉCULO XIX

Pierre Verger

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verger, Pierre Fatumbi
Os libertos : sete caminhos na liberdade de es-
cravos da Bahia no século XIX / Pierre Verger. --
São Paulo : Corrupio, 1992.

1. Escravos - Bahia - Emancipação I. Título.

CDU-981.4204
V2-2874

Índices para catálogo sistemático:

- 1. Bahia : Escravos : Emancipação : Século 19 :
História social 981.4204
- 2. Século 19 : Bahia : Escravos : Emancipação :
História social 981.4204



OS QUE NO BRASIL PERMANECERAM FIÉIS AOS VALORES AFRICANOS

NAAGONTIMÉ

Apresentamos nesta parte um curioso episódio histórico ligado às relações estabelecidas entre a África e o Brasil na primeira década do século XIX.

Os vários elementos que caracterizaram esse século chegaram a meu conhecimento pouco a pouco, no espaço de 52 anos, no curso de pesquisas orientadas para vários assuntos, paradoxalmente alheios à história que passo a relatar.

Tive o prazer de viajar para o Daomé (atual República de Benin), em 1936, e de passear em Abomé, sua antiga capital histórica. Visitei, então, o museu instalado nos edifícios dos palácios dos reis daoméanos que ali governaram entre 1625 e 1900. Tirei várias fotos de objetos expostos e recolhi, assim, um documento reproduzindo uma tela decorativa (foto 3) pendurada atrás do trono do rei Agonglo (1789-1797)¹.

Doze anos depois, em agosto de 1948, tive a oportunidade de falar com Mãe Anderesa, da Casa das Minas², em São Luís do Maranhão, onde se pratica o culto dos deuses daoméanos. Ela teve a bondade de me comunicar os nomes de certos vodus escassamente conhecidos, que são citados por Nunes Pereira em sua obra *A Casa das Minas*.

Em dezembro desse mesmo ano, tendo seguido uma bolsa de estudos do Institut Français de l'Afrique Noire, estive novamente na Costa da África para pesquisar as origens geográficas dos orixás e vodus nagôs e jejes cultuados no Brasil.

Entre outras tarefas, impus-me a de conseguir detalhes sobre os vodus indicados por Mãe Anderesa e, com essa intenção, fui visi-

tar a região fronteira entre Daomé e Togo, onde vivem os "Minas" (Gen), emigrados da região do Castelo São Jorge da Mina, na antiga Costa do Ouro (atual Gana).

A pesquisa nesses locais foi um fracasso total; nenhum dos nomes citados pela mãe-de-santo da Casa das Minas era conhecido. Somente anos depois entendi a razão desse insucesso. Foi quando constatei que a expressão "negro mina" ou "negro da Costa da Mina", encontrada nos documentos dos séculos XVII e XVIII, era a abreviação da expressão "negro da costa situada no leste do Castelo São Jorge da Mina"³, ou seja, "oriundo da Costa dos Escravos", situada entre os rios Volta e Lagos, portanto não dos lugares em vão visitados por mim.

Ainda naquele mesmo ano de 1948, descobri felizmente em Abomé (capital do Daomé) que esses misteriosos nomes dos vodus da Casa das Minas eram conhecidos como sendo da família real do Daomé e foram identificados sem mais problemas.

Eis os nomes, classificados na ordem em que me foram dados no Maranhão pela Mãe Anderesa, seguidos de suas identificações em Abomé:

Agongono - que facilmente julgamos tratar-se de Agonglo.

Savalu ou Azaká de Savalu - que tem papel importante no culto dos Tohossu.

Dadaho - seria Agassu, o vodu dos reis de Abomé.

Bepega - o filho do rei Teqebessu.

Sepazin - a filha do rei Dakodonu.

Dako - o rei Dakodonu.

Bossu - Bossuhon, um nome de Zomadonu.

Joti - um filho de Dadaho.

Koessina - um irmão do rei Agadjá.

Aronovissava - Ahonovi Sava, irmã do rei Dako.

Zomadonu - é o Tohossu, primeiro filho anormal do rei Akabá.

com sede na Rua
3.828, 151/0001-A5,
vo. nos termos do
Termo de Outorga
de Concessão de

018-000

-080

Via de arquitetura

Dossu - seria o rei Dossu Agadjá.
Togpa - é o irmão de Zomadonu.
Desse - o filho do rei Kpengla.
Dossupê - Dpelu, Tohossu do rei Agadjá.
Apojevô - Agbojahun, filho do rei Teqbes-
su.

Nani - uma filha do rei Agadjá.
Tossa e Tosse - gêmeos do rei Agadjá.
Naiadomo - mãe de Akabá, Agajá e Hangbé.
Naité - Naité Sedume, mãe do rei Agonglo.

Para melhor compreensão do assunto, de-
vemos esclarecer que houve doze reis sobe-
ranos em Abomé:

Dakodomu - 1625-1650
Wegbadja - 1650-1680
Akaba - 1680-1708
Agadjá - 1708-1740
Teqbessu - 1740-1775
Kpengla - 1775-1789
Agonglo - 1789-1797
Adanzan (Adandozan) - 1797-1818
Guezo - 1818-1858
Glegle - 1858-1889
Behanzin - 1889-1894
Aboliagbo - 1894-1900

Podemos perceber, assim, que nenhum dos
vodus citados é posterior ao reinado de A-
gonglo. Acontece, também, que alguns desses
nomes são conhecidos apenas pelos sacerdotes
de Abomé. O fato de eu ter encontrado esses
nomes no Brasil foi para eles a prova de que
existiam no Novo Mundo descendentes de mem-
bros da família real, emigrados do Daomé à
força, no tempo do tráfico dos escravos.

Isto foi como uma senha para Mivede, o
sacerdote de Zomadonu. Em Abomé, Mivede é o
sacerdote mais importante do reinado. É ele
que detém o poder de jurisdição sobre a
totalidade dos sacerdotes animistas do lu-
gar. As notícias que lhes levei do Brasil
foram fatores eminentemente favoráveis para

facilitar minhas pesquisas. Em 1957 publiquei
um artigo intitulado: "Teria o culto dos vo-
dus de Abomé sido importado para São Luís do
Maranhão pela mãe do rei Guezo?"⁴

Mas, para melhor compreender o assunto, é
preciso saber um pouco da história do Daomé.
Para tanto, apresentamos extratos de vários
textos escritos a respeito.

Contando a história daquele país para Le
Hérissé⁵, um chefe indígena lhe disse: "Adan-
zan [ou Adandozan] era, entre os filhos pri-
mogênitos de Agonglo, quem reunia todas as
condições de nascença necessárias para tor-
nar-se rei. Mas seu caráter sanguinário fazia
suprimia os que lhe faziam sombra!

Em desespero de causa, Agonglo perguntou
ao Destino, *Fa*, se um outro de seus filhos
não dirigiria melhor os negócios do Daomé. *Fa*
designou Guezo! Infelizmente este ainda tinha
pouca idade.

Apesar disso, Agonglo teve fé no oráculo.
Resolveu apresentar Guezo como seu sucessor e
confiá-lo, como também o Daomé, a Adanzan,
certo de que os ancestrais protegeriam nosso
país e seu rei. Um dia, pois, sentindo seu
fim próximo, apareceu a todo seu povo, no
mercado de Adjahito, para ditar sua vontade.
Em seus braços carregava Guezo; à sua direita
estava Adanzan [...].

Adanzan ficou como regente vinte e dois
anos e Guezo teve de lhe arrancar o poder.

Guezo expulsou Adanzan do trono, pois suas
atrocidades e suas injustiças tinham enfra-
quecido os daomeanos. Adanzan, que era filho de
outra mulher de Agonglo, não hesitaria em ven-
der aos mercadores de escravos da Costa a mãe
de Guezo e uma parte de sua família".

Paul Hazoumé, em seu *Le pacte du sang au
Dahomey*, nos diz com efeito que, após a to-
mada do poder por Guezo, "um certo Dossuyévo
recebeu em recompensa o posto de intérprete
junto a Francisco de Souza, apelidado Chachá
Ajinaçu⁶, pois, às suas qualidades de coragem

e fidelidade doméstica, juntava-se o conhecimento da língua portuguesa.

Quando Guezo quis encontrar sua mãe, a rainha Agontimé, vendida aos negreiros por Adanzan, Francisco de Souza, que ficou encarregado das buscas, viu em Dossuyévo o homem mais inteligente, o mais devotado e o mais apto para desempenhar essa missão. Migan Atindébacu (primeiro ministro ao mesmo tempo que carrasco) foi seu adjunto.

Antes da partida dos daomeanos, Chachá Ajinacu e Guezo fizeram pactos com eles para assegurar o sucesso do empreendimento. Os dois enviados tornaram-se assim os 'irmãos do rei', não duvidando que colocariam, à procura daquela que poderia ser considerada de certa maneira como mãe deles, todo zelo e toda atividade.

A primeira viagem foi sem sucesso. Atindébacu e Dossuyévo partiram de novo para outros países em que eram enviados os escravos comprados do Daomé, mas não foram mais felizes, apesar de Francisco de Souza lhes ter fornecido cartas de recomendação para os grandes plantadores daqueles países. Durante a segunda viagem foram para as Antilhas, passando algum tempo em Havana, onde, lhes tinha sido dito, era enviada a maior parte dos carregamentos de escravos vendidos sob o reinado de Adanzan. Mas os emissários percorreram em vão todas as plantações das Antilhas.

Em seu livro *Dahomé*⁸, o major A. D. Cortez da Silva Curado, que foi comandante do forte português de Uidá de 1885 a 1887, apresenta outro motivo para a viagem de Dossuyévo: "Logo que Guezo subiu ao trono (1818), enviou ao rei Dom João VI uma embaixada que enviou para a Bahia a fim de seguir de lá para o Rio de Janeiro. Os embaixadores, após terem esperimentado três anos um transporte da Corte, retiraram-se para o Daomé sem poder cumprir sua missão. Eu consegui encontrar ainda um dos embaixadores, que se chamava Dossu Yêvo, mor-

to em junho do ano passado. O primeiro tenente de nossa marinha nacional (portuguesa), José Maria da Silva, que veio em 1886 como comandante da canhoneira *Mandavy*, me acompanhava na última visita que lhe fiz. Estava cego, movimentando-se com dificuldade e demonstrando um ligeiro cansaço mental, somente pela freqüência com que rememorava o fato de ter ficado na Bahia, como resposta a todas as perguntas que lhe fazia".

Sabemos, pois, que membros da família do rei Agonglo foram vendidos após sua morte como escravos e transportados para um ponto desconhecido de uma das Américas.

Trata-se de acontecimento quase único na história do Daomé, pois nunca, exceto Adanzan, que perdeu o trono pelos abusos que cometeu, nenhum rei de Abomé vendeu como escravo um daomeano de Abomé. Eles entregavam, sim, seus inimigos aos negreiros. Um abomeano não podia ser vendido, já que a terra do reino não podia ser alienada. Mesmo após suas guerras, os reis do Daomé sempre fizeram os maiores esforços para recomprar seus soldados, caídos prisioneiros do inimigo, para evitar-lhes a escravidão.

Na Agontimé, viúva do rei Agonglo e mãe de Guezo, que foi vendida como escrava por Adanzan e que Dossu Yêvo e o Migan Atindébacu procuraram por muito tempo pelas plantações das duas Américas, muito provavelmente terá sido quem estabeleceu, na Casa das Minas de São Luís do Maranhão, o culto das divindades dos reis de Abomé. Essa hipótese foi recentemente reconhecida como verossímil durante o Colóquio sobre as Sobrevivências das Tradições Africanas nas Caraíbas e na América Latina, ocorrido em São Luís do Maranhão entre 24 e 28 de julho de 1985, em cujo relatório final se declara: "A Casa das Minas foi fundada em São Luís do Maranhão, no Brasil, pela rainha Na Agontimé, mãe do rei Guezo, condenada à deportação num acerto de

